



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

GEANDRO RICHARD DA SILVA GOMES BATISTA

**PROJETO DO CHÃO DA ALDEIA E DO QUILOMBO PARA A UNIVERSIDADE:
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO CENTRO DE
ENSINO MÉDIO XERENTE – CEMIX**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2024

Geandro Richard da Silva Gomes Batista

Projeto do chão da aldeia e do quilombo para a Universidade: contribuições para a educação escolar indígena no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – CEMIX

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Dra. Luciane Silva de Souza

Miracema do Tocantins, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- B333p Batista, Geandro Richar da Silva Gomes, ..
Projeto do chão da aldeia e do quilombo para a Universidade:
contribuições para a educação escolar indígena no Centro de Ensino Médio
Indígena Xerente – CEMIX. / . Batista, Geandro Richar da Silva Gomes. –
Miracema, TO, 2024.
26 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2024.
Orientadora : Luciane Silva Souza
1. Educação Escolar Indígena. 2. Projeto de Extensão. 3. CEMIX. 4.
Estudantes Xerentes. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

GEANDRO RICHARD DA SILVA GOMES BATISTA

PROJETO DO CHÃO DA ALDEIA E DO QUILOMBO PARA A UNIVERSIDADE:
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO CENTRO DE
ENSINO MÉDIO INDÍGENA XERENTE – CEMIX

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dra Luciane Silva de Souza – Orientadora - UFT.

Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho – Examinador - UFT

Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira – Examinador – UFT

Prof. Ms. Armando Sôpré Xerente – Examinador – SRE/SEDUC

Dedico esse trabalho a meu pai Ezequiel Batista (*In Memoriam*) que sempre lutou pela família, união e o bem estar dos seus filhos, não poderia deixar de lembrar uma fala dele quando terminei meu ensino Médio: “Parabéns pela sua conquista, nunca pude te dar o bom e o melhor, apenas seus estudos, então estude”. Esse trabalho é o fruto de tudo aquilo que ele plantou obrigado meu pai, que Deus proteja sua caminhada infinitamente. TE AMO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que me concedeu o benefício da vitória, pois ele sabe de tudo o que passei para estar aqui; aos meus colegas da turma de Pedagogia, que nossa amizade seja eterna, que essa união que desenvolvemos ao longo desse período seja sempre o nosso diferencial; à minha família, que sempre me deu a força espiritual, para vencer, então essa vitória é nossa.

Não poderia deixar de agradecer à professora Kalina Ligia, que quando passei pelo momento mais crítico na pedagogia não mediu esforços para que eu continuasse no curso. Finalizo meus agradecimentos à Professora Luciane Silva de Souza, que compreendeu a minha fala com relação à mudança e foi fundamental para a conclusão desse artigo; então, deixo toda a minha gratidão por tudo que foi feito por mim, e à dedicação para que o trabalho fosse digno de ser apresentado e mostrar um pouco da realidade dos povos indígenas.

Finalmente, aos povos indígenas, que mesmo com toda a tortura que passaram durante séculos, hoje podemos mostrar um pouco da mudança, com a “conquista” (direito de todos) do seu espaço na Educação Básica e na Educação Superior.

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar as contribuições do projeto “Do chão da aldeia e do quilombo para a universidade” para a Educação Escolar Indígena no CEMIX. O fundamento, então, é o projeto que foi desenvolvido como extensão no Centro de Ensino Médio Xerente, no Território Xerente. O projeto teve duas etapas: a primeira na Universidade Federal do Tocantins da cidade de Miracema, com rodas de conversas, minicursos e oficinas; e a outra na Escola Indígena, Centro de Ensino Médio Indígena Xerente, na cidade de Tocantínia. No texto deste artigo, vamos tratar apenas da segunda etapa, na escola indígena. Para tanto, temos como questionamento: quais contribuições o projeto “Do chão da aldeia e do quilombo para a universidade” trouxe para a Educação Escolar Indígena, no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – CEMIX? E, subsidiariamente, quais desafios e possibilidades foram percebidos ao longo da execução do projeto? A pesquisa foi bibliográfica, explicativa, descritiva e de abordagem qualitativa. Sabemos das dificuldades do povo indígena Xerente para chegar à escola, mas, além disso, encontramos dificuldades relacionadas à língua materna e à língua portuguesa, seja em sua leitura ou em sua escrita.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Projeto de Extensão. CEMIX. Estudantes Xerentes.

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo analizar los aportes del proyecto “Del piso del pueblo y del quilombo a la universidad” a la Educación Escolar Indígena del CEMIX. La base, pues, es el proyecto que se desarrolló como ampliación del Centro de Educación Secundaria de Xerente, en el Territorio de Xerente. El proyecto tuvo dos etapas: la primera en la Universidad Federal de Tocantins, en la ciudad de Miracema, con círculos de conversación, cursos cortos y talleres; y el otro en la Escuela Indígena, Centro de Ensino Indígena Xerente, en la ciudad de Tocantína. En el texto de este artículo nos ocuparemos únicamente de la segunda etapa, en la escuela indígena. Para ello nos surge la siguiente pregunta: ¿qué aportes trajo a la Educación Escolar Indígena el proyecto “Del piso del pueblo y del quilombo a la universidad”, en el Centro de Educación Secundaria Indígena Xerente – CEMIX? Y, alternativamente, ¿qué desafíos y posibilidades se percibieron a lo largo de la ejecución del proyecto? La investigación fue bibliográfica, explicativa, descriptiva y tuvo un enfoque cualitativo. Conocemos las dificultades de los indígenas Xerente para llegar a la escuela, pero además encontramos dificultades relacionadas con la lengua materna y la lengua portuguesa, ya sea en lectura o escritura.

Palabras clave: Educación Escolar Indígena. Proyecto de Extensión. CEMIX. Estudiantes Xerentes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA	10
2.1	Educação Escolar Indígena	10
2.2	Educação Escolar Indígena No Cemix	12
3	O PROJETO “DO CHÃO DA ALDEIA E DO QUILOMBO PARA A UNIVERSIDADE” NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO INDÍGENA XERENTE – CEMIX.....	16
3.1	O Projeto Pibex na UFT de Miracema	16
3.2	Pibex No Cemix	20
3.2.2	Oficinas e Minicursos para os estudantes.....	23
3.3	Desafios e perspectivas a partir do projeto para a Educação Escolar Indígena	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo discute o **Projeto do chão da aldeia e do quilombo para Universidade**, desenvolvido no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – CEMIX, sob a coordenação da professora doutora Luciane Silva de Souza, tendo como equipe um estudante bolsista (Vanderley Krtimowe Calixto Xerente); e cinco estudantes voluntários (Geandro Richard da Silva Gomes Batista; Bruno Ribeiro da Silva; Samoel Ferreira dos Santos Rodrigues; Dafne Tavares Aguiar Rodrigues; Pedro Paulo Pereira Reis). Esta equipe foi organizada pela professora coordenadora do projeto para alcançar os objetivos propostos, quando da submissão deste ao Edital PIBEX/PROEX/2023.

O projeto desenvolveu inúmeras ações, divididas em dois espaços: na Universidade Federal do Tocantins, Campus Miracema, com estudantes indígenas e quilombolas; e, no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – CEMIX. Na escola, o projeto desenvolveu ações de leitura, interpretação de texto, e escrita dos estudantes de duas turmas do nono ano do Ensino Fundamental e uma turma de terceiro ano do Ensino Médio. É importante dizer que estes estudantes são todos indígenas e têm como língua materna, o Akwẽ e como segunda língua, a língua portuguesa. E todos estudaram somente em escolas indígenas do Território Xerente. O que os particulariza, dentro de uma ação que envolve leitura, interpretação e escrita de textos numa perspectiva bilíngue.

O projeto não se resumiu somente às ações em sala de aula, já previamente agendadas no calendário das aulas de Língua Portuguesa e Língua Akwẽ, pois na escola observamos também à estrutura, a realidade dos alunos, as dificuldades, a alimentação, a organização pedagógica, o trajeto para chegar à escola, pois tudo isso interfere no aprendizado. Além disso, também a coordenadora do projeto, fez dois momentos de formação com os professores da escola, agendado no cronograma do calendário acadêmico juntamente do a Superintendência Regional de Educação de Miracema – SRE/SEDUC-TO, que é responsável por gerir as escolas indígenas Akwẽ-Xerente¹.

Uma questão, que trouxe curiosidade a partir do projeto e do recorte feito aqui, que é norte para escrita do artigo foi: quais contribuições o projeto “Do chão da aldeia e do quilombo para a universidade” trouxe para a Educação Escolar Indígena, no Centro de Ensino

¹ Importante assinalar que o projeto contou com a parceria da Superintendência Regional de Educação de Miracema, que convidou a coordenadora do projeto, profa. Dra. Luciane Silva de Souza, para organizar formações continuadas com os professores indígenas. O termo foi assinado e tem validade até 2025, sendo prorrogável por igual período, como sinalizou a Superintendência.

Médio Indígena Xerente – CEMIX? E, subsidiariamente, quais desafios e possibilidades foram percebidos ao longo da execução do projeto?

O objetivo deste artigo é analisar as contribuições do projeto “Do chão da aldeia e do quilombo para a universidade” para a Educação Escolar Indígena no CEMIX. Este é subsidiado por outros três objetivos específicos: descrever as ações do projeto no CEMIX; Explicar como é a organização do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente; Observar os desafios e possibilidades enfrentados por alunos bilíngues no ambiente escolar, na escola indígena.

A pesquisa desenvolvida foi de cunho bibliográfico, descritivo e a abordagem qualitativa. Isto porque parte-se dos fundamentos teóricos, que discutem educação escolar indígena e a escola indígena, para descrever o projeto e as ações desenvolvidas na escola, bem como a própria escola (a partir do Projeto Político Pedagógico e das vivências na instituição).

O artigo foi construído em três partes: a primeira tratamos da educação escolar indígena e da escola indígena; a segunda parte tratamos do projeto e a terceira parte trazemos a organização do CEMIX e as contribuições que o projeto trouxe, para então, trazer os desafios e as possibilidades desta educação bilíngue para os estudantes Xerente.

Preliminarmente, observamos que muitos são os obstáculos para os adolescentes que se encontram na escola indígena Xerente foco da análise, dentre eles o próprio trajeto para chegar à escola, pois alguns percorrem mais de 40 km, tendo que acordar muito cedo para conseguir acesso ao transporte escolar; a escrita da língua indígena e da língua portuguesa também se configuram como outro desafio, pois os estudantes apresentaram dificuldade em ambas, no processo de produção de textos. Entretanto, na oralidade, quando conversavam com o bolsista ou com a professora, mostravam domínio sobre a língua materna, o Akwê, embora a inserção de palavras da língua portuguesa em suas falas fosse recorrente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

2.1 Educação Escolar Indígena

Discutir sobre a educação escolar indígena sem estar presente é algo complexo, pois conhecer os problemas e os desafios que professores e alunos encontram diariamente não é algo tão fácil. No entanto, refletir um pouco sobre a trajetória da educação escolar indígena e o próprio conceito desta é necessário para entender sua efetivação e a importância dela para os povos indígenas.

Ao trazer a concepção de educação, Baniwa (2006, p. 129) afirma que

Educação se define como o conjunto dos processos envolvidos na socialização dos indivíduos, correspondendo, portanto, a uma parte constitutiva de qualquer sistema cultural de um povo, englobando mecanismos que visam à sua reprodução, perpetuação e/ou mudança. Ao articular instituições, valores e práticas, em integração dinâmica com outros sistemas sociais, como a economia, a política, a religião, a moral, os sistemas educacionais têm como referência básica os projetos sociais (ideias, valores, sentimentos, hábitos etc.), que lhes cabem realizar em espaços e tempos sociais específicos. (BANIWA, 2006, p. 129).

A educação escolar indígena, como explica Banwa (2006), se refere à educação aquela própria da escola. Esta difere da educação indígena, que se liga aos processos tradicionais de ensinar do povo indígena, com suas pedagogias próprias. Segundo o autor (2006, p. 129)

... a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores. A educação escolar indígena refere-se à escola apropriada pelos povos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global. (BANIWA, 2006, p. 129).

Hoje, já existem muitos estudos que discutem a educação escolar indígena e outros tantos que discutem inúmeros aspectos acerca dos povos indígenas. Porém, para se chegar ao que se tem atualmente, mesmo em relação aos próprios direitos conquistados pelos povos indígenas, foi necessário muitos movimentos e lutas, principalmente nas décadas de 1970 e 1980.

Isso porque o que tínhamos anterior a isto era uma educação para ‘índios’, com toda uma questão que visava integrá-los e assimilá-los à sociedade brasileira. Não existia uma educação construída a partir do que era reivindicação dos próprios povos indígenas e isto

ocasionou muitas perdas ao longo do tempo desde 1500, em relação à língua e outros aspectos da cultura, além claro, do extermínio de vários povos.

É importante lembrar que a educação escolar indígena está também normatizada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (2013), que trata do atendimento a um currículo diferenciado, ao bilinguismo/multilinguismo e interculturalidade.

No ano de 2023, primeiro semestre, fiz uma disciplina integrante de Práticas Pedagógicas Inclusivas e a Problemática do Currículo, em que tivemos dois momentos em que observamos que a falta de conhecimento sobre os povos indígenas é notória entre os estudantes da Universidade, mesmo convivendo cotidianamente com inúmeros colegas indígenas. A professora da disciplina trouxe dois vídeos para discutirmos a temática do currículo na educação escolar indígena e eles muito contribuíram para os diálogos da turma, pois foram pontos de partida para outras discussões, feitas em roda de conversas em dois momentos:

1. Educação Escolar indígena e os desafios na atualidade

<https://youtu.be/ti2fdD0R8RE?list=PLguaX492eckcDimu9de5ra1UpFBgNDzuD>

2. A prática pedagógica específica da educação escolar indígena

<https://youtu.be/KS0rB1a5f2w?list=PLguaX492eckcDimu9de5ra1UpFBgNDzuD>

Os vídeos foram produzidos e gravados para um curso sobre educação escolar indígena, ofertado pela CEPFOR – Estado de Goiás e está disponível no canal do Youtube. No primeiro vídeo, tivemos um dos palestrantes, que eram indígenas, afirmando que as escolas brincam com o dia do índio, enquanto para eles é um dia que eles levam a sério. O palestrante principal do vídeo, traz uma reflexão sobre a empatia e o respeito aos povos originários, já a partir dos próprios livros de história, que os coloca em ‘ocas’, andando sem roupas, “como se fossem verdadeiros selvagens”. Hoje, mesmo depois de tudo, o que ainda precisam lutar para estar em um lugar que é de direito: a educação, cuja base deve ser intercultural, bilíngue e diversa.

No segundo vídeo, foi trazido um levantamento feito sobre o massacre que os povos indígenas sofreram, por causa das terras e suas riquezas, ou seja, tem muito tempo que os povos indígenas precisam mostrar e lutar pelos seus direitos a um espaço que já é seu. Este é um retrato que se repete todos os dias e ultimamente continuam sendo notícias. Dentro do vídeo tem um relato em tabela que mostra que em 1500, ano do ‘falso descobrimento’, tínhamos 3 milhões de indígenas e, com o passar dos anos tivemos um extermínio de mais da

metade dessa população, pois os que não morriam de doenças, morriam pelas mãos dos garimpeiros, e outros ‘senhores que se achavam donos daqueles habitantes’ e segundo relato do vídeo, em 2010 no levantamento feito, tinha pouco mais de 817 mil indígenas.

Esses vídeos foram outros motivadores para desenvolver esta pesquisa, pois se percebe o quanto é importante discutir a educação escolar indígena até para contribuir com sua melhoria, pois com os direitos adquiridos pelos povos indígenas, esta é uma educação ainda recente e ainda há muito por fazer para mudar a realidade reprodutivista e somar ao conhecimento sistematizado eurocêntrico e não apenas deixar que este seja o único conhecimento da escola indígena, que tem seus elementos fundamentais baseados no bilinguismo, na interculturalidade e na diversidade e especificidade.

2.2 Educação Escolar Indígena no CEMIX

O Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – CEMIX é identificado, logo no início de seu Projeto Político-Pedagógico – PPP, da seguinte forma:

Nome da Instituição: Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - Warã
 Endereço: Terra Indígena Xerente / Aldeia Centro Município de Tocantínia - TO
 E- mail: seccemix@educ.to.gov.br
 Telefone: (63) 98501-1801
 Unidade Mantenedora: Secretaria da Educação Associação de Apoio ao Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - Warã Regime de Funcionamento: Ensino Fundamental Anos Final, Ensino Médio Básico. Escola de Tempo Integral “Jovem em Ação” e Ensino Médio Profissionalizante (Informática)

A Unidade Escolar tem o funcionamento em tempo integral, sendo que, os Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular. O Curso Técnico de Informática Integrada ao Ensino Médio atende entre às 07h20min às 15h50min. O Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - Warã é uma unidade de Ensino jurisdicionada à Superintendência Regional de Educação de Miracema do Tocantins, mantida pelo Estado do Tocantins, através da Secretaria da Educação, o recurso estadual repassado diretamente à Associação de Apoio ao Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - Warã, estabelecendo um ensino público de qualidade ao povo indígena Akwẽ-Xerente.

O Cemix fica localizado no cerrado do estado do Tocantins, município de Tocantínia. O território Xerente é composto pelas terras indígenas ao leste do rio Tocantins, 80 km ao norte da capital, Palmas. A cidade de Tocantínia, localizada entre as duas terras indígenas, Área Grande e Funil, tem sido ao longo desse século o ponto de apoio para o povo Xerente.

Desde a fundação do Estado do Tocantins, em 1989, seu território é foco das atenções regionais (e nacionais) devido a sua localização estratégica.

A escola possui trinta dependências divididas em dez turmas assim representadas; cinco de Ensino Fundamental Anos Finais, três turmas de Primeira série, sendo duas turmas integradas ao Curso de Informática e a outra no Ensino Médio Regular, duas turmas de segunda série sendo uma turma integrada ao Curso de Informática e a outra no Ensino Médio Regular e duas turmas de terceiro ano, sendo uma turma integrada ao Curso de Informática e a outra no Ensino Médio Regular. Segue o quadro com os servidores que fazem a gestão e coordenação da escola:

- Diretor da Unidade Escolar – Me. Armando Sõpre Xerente
- Secretária geral – Luciana Rodrigues Torres
- Coordenadora Financeira: Luana Gomes de Carvalho
- Orientadora Educacional – Joselma dos Reis Goveia
- Coordenadora do Ensino Médio – Eliene Maria Mourão da Silva Dias
- Coordenadora do Fundamental – Me. Edite Smikidi da Mata Brito.
- Coordenadora de programas de projetos – Noemi da Mata de Brito Xerente
- Coordenador de biblioteca – Me. Afonso Tiikwa Xerente

O Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - Warã, tem sua criação por meio do Decreto no 3.025, de 07 de maio de 2007, credenciada pela PORTARIA-SEDUC nº 3.606, de 13 de junho de 2008 a ofertar Anos Finais do Fundamental e Ensino Médio. PORTARIA-SEDUC nº 604, de 22 de março de 2012 a ofertar Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, a Resolução nº 117, de 30 de agosto de 2013 que aprova o Plano de Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Data das publicações nº Diário Oficial da União em 08 de maio de 2007, 30 de junho de 2008, 30 de maio de 2012, e as duas últimas em 29 de outubro de 2013. A escola de Fomento/Jovem em Ação foi instituída com a PORTARIA 2116 DE DEZEMBRO DE 2019, sendo iniciada no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente no ano de 2020. Os 315 estudantes indígenas e 2 estudantes não-indígenas, residem na Área Grande e Funil e na cidade de Tocantínia. O Território Xerente tem seis subdivisões que são Funil, Xerente, Brejo Comprido, Brupre e Rio Sono. Os educandos utilizam o Transporte ofertado pela SEDUC, que os buscam e os levam em suas aldeias de residências para a unidade escolar.

Os estudantes atendidos no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente são de comunidades circunvizinhas com idade aproximadamente entre 10 a 22 anos de idade, distribuídos entre Anos Finais do Ensino Fundamental, Escola de Tempo Integral “Jovem em Ação” e Ensino Médio Profissionalizante, no período Matutino e Vespertino.

Segundo o PPP, os índices de aproveitamento nos últimos anos, anteriores ao desenvolvimento do projeto foram:

Índice de Indicadores gerais de aproveitamento 2020, 2021 e 2022: Aprovados, reprovados e abandono.

Ensino Fundamental Anos Finais	Aprovados	Reprovados	Abandono
2020	96,80%	2,75%	0,45%
2021	82%	13%	5%
2022	84,8%	11,73%	3,47%

Fonte: PPP – CEMIX, 2023.

Índice de Indicadores gerais de aproveitamento 2020, 2021 e 2022: Aprovados, reprovados e abandono.

Ensino Médio Integral	Aprovados	Reprovados	Abandono
2020	94,72%	5,28%	0,0%
2021	77,50%	22,05%	0,45%
2022	76,20%	6,87%	16,93%

Fonte: PPP – CEMIX, 2023.

Nos anos de 2020 e 2021, a escola vivenciou um dos piores momentos para a história da educação, pois a pandemia da Covid 19 e a falta de recursos tecnológicos obrigou a instituição à elaboração de um projeto através de roteiros de estudos que foram entregues aos estudantes nas aldeias, para que as atividades fossem realizadas. Então fazendo esse comparativo entre os anos de 2020 e 2021, para o ano de 2022, observamos que apesar dos obstáculos obtivemos um resultado melhor nos dois anos se comparados a 2022, sendo que as atividades acadêmicas já se encontravam na instituição de ensino.

A educação escolar indígena, no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente, traz a cultura e os saberes indígenas, bem como e acima de tudo, a língua materna, Akwẽ.

Atualmente, em 2024, a escola conta com um quantitativo de 330 estudantes, sendo cinco turmas do ensino fundamental anos finais, do sexto ao nono ano, e sete turmas do ensino médio, sendo quatro do curso técnico em informática e três do ensino médio regular.

Quanto ao corpo docente atualmente, se tem 12 professores indígenas divididos em todas as disciplinas e a parte diversificada e também com cinco professores não indígenas para a contribuição do ensino dentro da escola. Uma instituição “diferenciada”, que trabalha com a cultura/saberes indígenas e a língua Akwẽ, mas também trabalha a língua portuguesa em vários contextos, na sala de aula e nos diálogos com aqueles professores que não dominam o Akwẽ.

3 O PROJETO “DO CHÃO DA ALDEIA E DO QUILOMBO PARA A UNIVERSIDADE” NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO INDÍGENA XERENTE - CEMIX²

3.1 O projeto PIBEX na UFT de Miracema

O Projeto de Extensão “Do chão da aldeia e do quilombo para a universidade” foi submetido ao Edital PROEX/UFT nº 41/2023, da Pró-reitoria de extensão, cujo foco era o PIBEX.

O PIBEX é o Programa Institucional de Bolsas de Extensão da Universidade Federal do Tocantins, que visa articular as ações de ensino e pesquisa, com fundamento nos processos educativo, científico e cultural e de interação universidade-comunidade externa. Ainda, tem em seus objetivos fornecer bolsa de extensão para os estudantes de graduação matriculados na UFT e cujo vínculo esteja firmado nos projetos/programas de extensão cadastrados na Proex.

Figura 1 – Atividade desenvolvida na UFT – PIBEX



Fonte: acervo da coordenadora do projeto, 2023.

A atividade retratada na Figura 01, foi do Projeto Pibex realizado no Campus da UFT de Miracema do Tocantins, com a presença das lideranças indígenas, professores e estudantes bolsistas e voluntários do programa.

²As atividades específicas com os indígenas aconteceram no Cemix, e as atividades com os quilombolas aconteceram na Universidade Federal do Tocantins – Campus Miracema do Tocantins, mas mesmo as atividades que aconteceram no campus, contaram com a participação de estudantes Indígenas e não Indígenas, nesse momento as atividades foram realizadas através de oficinas de produção de texto e texto acadêmico.

A coordenadora do Projeto, em atendimento ao Edital PROEX/UFT nº 41/2023, de 25 de abril de 2023, elaborou proposta para trabalhar leitura, escrita, compreensão e letramento acadêmico para indígenas e quilombolas, com ações a serem desenvolvidas com os discentes do campus, dos cursos de Pedagogia, Serviço Social, Psicologia e Educação Física e da comunidade externa conforme segue o cronograma, das atividades desenvolvidas dentro da UFT, Campus de Miracema:

28/08 – Roda de conversas: DO CHÃO DA ALDEIA E DO QUILOMBO PARA UNIVERSIDADE

14/09 – Minicurso: Letramento acadêmico

28/09 – Oficina: Saberes indígenas e quilombolas na escola e a produção de material didático bilingue

19/10 - Minicurso: Letramento acadêmico

26/10 - Oficina: Saberes indígenas e quilombolas na escola e a produção de material didático bilingue

09/11 – Roda de conversas: Oralidade, leitura e escrita nas práticas pedagógicas indígenas e quilombolas

O Edital trazia em sua base a articulação com a Missão da UFT, conforme relatório da coordenadora do projeto, que é “Formar cidadãos comprometidos com o desenvolvimento sustentável da Amazônia Legal por meio da educação inovadora, inclusiva e de qualidade” e visão de “Consolidar-se, até 2025, como uma Universidade pública inclusiva, inovadora e de qualidade, no contexto da Amazônia Legal” e em suas disposições gerais tratava da potencialização dos projetos de extensão alinhados aos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), além das políticas de extensão universitária e os regulamentos das ações propostas, além de outros parâmetros. Em seus objetivos ratificava:

2.1 Estimular a inserção social da universidade gerando conhecimento e inovação à sociedade através de projetos de extensão.

2.2 Elevar a inserção e reconhecimento social da UFT no Estado do Tocantins, através do número de Municípios atingidos pelas ações de extensão.

2.3 Fomentar a concessão de bolsas de extensão para projetos de extensão que integrem o ensino, pesquisa e extensão;

2.4 Conceder bolsas de extensão a discentes de graduação, como forma de apoio à formação acadêmica, propiciando vivência extensionista integradora;

2.5 Favorecer práticas extensionistas supervisionadas e interdisciplinares, priorizando a intervenção de estudantes na aplicação de conhecimentos, numa dada realidade social;

2.6 Apoiar o desenvolvimento de ações extensionistas integrando contextos externos ao meio acadêmico;

2.7 Promover a participação da comunidade acadêmica, visando à integração entre a extensão, o ensino e a pesquisa;

2.8 Estimular o envolvimento do corpo docente, discente e técnico-administrativo em ações de extensão.

2.9 Estimular a participação do corpo discente, em situação de vulnerabilidade socioeconômica (ação afirmativa), nas atividades de extensão com vistas a integrá-lo, plenamente, na formação acadêmica.

O período de inscrição foi das 8 horas do dia 26 de abril às 23 horas e 59 minutos do dia 14 de maio de 2023. Tendo a docente encaminhado o projeto para ser avaliado em 11 de maio de 2023. Dos Projetos encaminhados, de todos os campi da UFT, no âmbito do Estado, 32 (trinta e dois) seriam selecionados para concessão de bolsas para o discente, por 6 (seis meses), com vigência de 18 de junho de 2023 a 18 de dezembro de 2023. E, para cada coordenador/a de projeto selecionado, foi concedido um auxílio de R\$3.500,00 (três mil e quinhentos reais). O subsídio para o coordenador seria para fomento de despesas com materiais a serem utilizados no projeto, transportes dos palestrantes, uniformes (camisetas), entre outros.

O edital PROEX Nº 051/2023, de 19 maio 2023, trouxe a homologação das inscrições e seleção dos projetos para concessão de bolsas e auxílio de extensão. Tendo o projeto “Do chão da aldeia e do quilombo para a Universidade”, sido contemplado. A partir daí e seguindo orientações da PROEX e as orientações do próprio edital nº 041/2023 – PIBEX, foi selecionado o bolsista, dentre os 03 (três) estudantes inscritos para o processo seletivo.

O período de inscrição do bolsista foi de: de 8 horas do dia 29 de maio às 23h59 minutos do 07 de junho de 2023, que seria submetido à avaliação conforme critérios estabelecidos no edital. Para cada projeto, apenas um bolsista. O resultado foi o seguinte:

1. Vanderley Krtitmõwe Calixto Xerente
2. Pedro Paulo Pereira Reis
3. Bruno Ribeiro da Silva

Este foi encaminhado para Pró-reitora no dia 14 de junho de 2023, para publicação e homologação, contemplando o estudante do curso de Pedagogia, como bolsista, cuja classificação foi primeiro lugar Vanderley Krtitmõwe Calixto Xerente. O segundo e terceiro lugar, na sequência, o estudante Pedro Paulo e o estudante Bruno Ribeiro, se disponibilizaram a ficar como voluntários no projeto e com eles, mais três estudantes voluntários foram admitidos: Dafne Tavares Aguiar Rodrigues, Samoel Ferreira dos Santos Rodrigues, Geandro Richard da Silva Gomes Batista.

A coordenadora do projeto, então, dividiu responsabilidades entre os estudantes voluntários a fim de se efetivarem as frentes do projeto: quilombola e indígena e as ações realizadas com os estudantes de graduação indígenas e quilombolas, do campus de Miracema e comunidade externa; e, as ações desenvolvidas no Centro de Ensino Médio Xerente - CEMIX.

Os estudantes Samoel Ferreira dos Santos Rodrigues, Pedro Paulo Pereira Reis, Bruno Ribeiro da Silva estariam responsáveis pela divulgação e inscrição dos participantes do projeto e elaboração de material como flyers e pop-up para divulgação e acompanharem as atividades na Universidade. Geandro Richard da Silva Gomes Batista ficaria responsável, juntamente com o bolsista Vanderley Krtitmöwe Calixto Xerente pela organização e cotação de valores dos materiais necessários para as oficinas e pelos relatórios parciais. A estudante Dafne Tavares Aguiar Rodrigues ficou responsável pela frequência e por manter atualizada a lista dos participantes, tanto das ações desenvolvidas no campus, quanto das ações desenvolvidas no CEMIX. Além disso, o bolsista tinha a responsabilidade, juntamente com a coordenadora de participar de todas as ações (fotos - Anexo I).

Segundo relatório da Coordenadora:

O projeto partiu da ideia de construção de um espaço de trocas, articulação e produção de saberes direcionados aos estudantes indígenas e quilombolas dos cursos da Universidade Federal do Tocantins, de forma que promova e auxilie a aprendizagem e o desenvolvimento destes, com foco na leitura, na escrita, na compreensão de textos e no letramento acadêmico, além da formação crítica e reflexiva; além disso, se torna essencial a inserção da comunidade externa a fim de que vivenciem as oficinas, os minicursos e as rodas de conversas. Isto ratifica o posicionamento do projeto em articular situações de ensino, pesquisa e extensão, numa perspectiva interdisciplinar de caráter político-educativo (SOUZA, 2023, p. 3).

Observa-se que as ações eram voltadas para a leitura, a escrita e a produção de textos. Como as ações eram dois blocos, um na universidade e outro na escola CEMIX, os voluntários foram divididos para acompanhar as ações e auxiliar na organização e na produção de materiais, bem como, na divulgação das atividades. O bolsista acompanhou todas, tanto as da Universidade, quanto as realizadas na escola indígena, no Território Xerente, juntamente com a coordenadora.

Para a coordenadora do projeto, as ações incluíram:

... discussão de temáticas relativas própria situação educacional e as práticas educativas a fim de dar o auxílio no processo de ensino e na aprendizagem com foco no letramento, na leitura, na escrita e na compreensão de gêneros textuais diversos, tendo como base de sustentação discussões sobre a cultura, a diversidade e a cidadania ativa, as políticas afirmativas que visam aprendizagem e, conseqüentemente, a permanência e não apenas acesso dos estudantes indígenas e quilombolas à Universidade, além de proporcionar um exercício dialógico e intercultural sobre produção de conhecimento.

Fundamentou-se o projeto por uma relação ética e pelo respeito às subjetividades, à alteridade a as diferenças constitutivas desses povos – tanto indígenas, quanto quilombolas, com os quais se pretende assumir um compromisso epistemológico, social e, sobretudo,

pedagógico. “Além disso, articulou-se o projeto com a perspectiva da PROEX e da UFT em formar cidadãos comprometidos com o desenvolvimento sustentável da Amazônia Legal por meio da educação inovadora, inclusiva e de qualidade” e visão de “Consolidar-se, até 2025, como uma Universidade pública inclusiva, inovadora e de qualidade, no contexto da Amazônia Legal” (UFT, 2020-2025).

Eram objetivos do projeto:

Objetivo Geral

- Desenvolver ações de caráter político-educativo, por meio da criação de 2 (dois) GTs, da oferta de oficinas, de minicursos e de suporte pedagógico para indígenas e quilombolas da Universidade Federal do Tocantins e para os professores e estudantes da escola indígena CEMIX.

Objetivos Específicos:

- Realizar grupos de estudos, oficinas, minicursos com foco na leitura, na escrita e no letramento na Universidade e no CEMIX;
- Ofertar suporte pedagógico, com auxílio do bolsista e voluntários, como mecanismo para minimizar as dificuldades educacionais no processo de aprendizagem, principalmente, com leitura, escrita e compreensão dos diversos gêneros textuais e garantir a permanência dos estudantes indígenas e quilombolas na UFT;
- Promover discussões relacionadas à diversidade cultural, política e social, aos direitos humanos, à cidadania, à interculturalidade e à pluralidade étnica como elementos político-educacionais;
- Envolver docentes e estudantes da educação básica indígena, visando à continuidade da ação educativa no cotidiano escolar antes de chegar à Universidade.

Foram desenvolvidas 05 (cinco) atividades na Universidade: 01 (uma) roda de conversas, 02 (duas) oficinas e 02 (dois) minicursos ocorreram no campus de Miracema, unidade Warã. A roda de conversas contou com um público de 45 (quarenta e cinco) participantes e foi realizada no auditório. As oficinas trataram do tema letramento acadêmico, leitura, interpretação e produção de textos. Os minicursos trataram da produção de material bilíngue e que privilegie a cultura e os saberes dos povos originários (fotos – Anexo I).

Além destas atividades realizadas no campus, realizou-se também 05 (cinco) oficinas de leitura, compreensão, interpretação e produção de textos com os estudantes do Centro de Ensino Médio Xerente – Warã (CEMIX), no Território Indígena Xerente e 02 (duas) oficinas com os professores e coordenadores desta unidade de ensino com a mesma temática (fotos – Anexo I).

3.2 Pibex no CEMIX

Aqui vamos usar o Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (CEMIX), uma escola indígena bilíngue, que oferta os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), o ensino

médio regular e o ensino médio profissionalizante. O projeto PIBEX desenvolveu duas atividades com os professores, numa formação sobre a educação bilíngue e a valorização dos saberes indígenas na escola. E, cinco oficinas com os estudantes. As atividades foram desenvolvidas no segundo semestre de 2023 de agosto à dezembro, com calendário e cronograma já dialogado e organizado na Superintendência Regional de Educação de Miracema e na Escola, juntamente com os coordenadores e o diretor.

Para tanto, as atividades com os professores foram organizadas em setembro e em dezembro, nos dias de planejamento. As atividades com os estudantes foram realizadas durante as aulas de língua portuguesa ou língua Akwẽ, também organizadas conforme horário da escola e em diálogo com a Superintendência Regional de Educação de Miracema.

Participaram das oficinas realizadas no CEMIX, 63 (sessenta e três) estudantes e 17 (dezesete) professores e 03 (três) coordenadores.

Figura 2 – Foto de atividade no CEMIX – Turma do 9º ano



Fonte: acervo da coordenadora do Projeto, 2023

A figura 02, mostra um momento de apresentação e realização do projeto para os estudantes do nono ano do ensino fundamental do Cemix.

3.2.1 Minicursos para os professores

Um dos momentos mais importantes no CEMIX foi perceber o quanto os professores ficaram entusiasmados com os momentos, em especial com o último. Este foi realizado como oficina e em diálogo com os docentes, no dia 18 de dezembro de 2023.

Os professores, tanto indígenas, quanto não-indígenas, cheios de questionamentos e de falas que queriam compartilhar com a professora e com os seus pares. Seus anseios eram relacionados às metodologias e práticas de sala de aula, sejam elas em qualquer componente.

O primeiro encontro foi uma reunião para diagnóstico. A professora conversou com os professores, falou do projeto, explicou as atividades que seriam desenvolvidas e quais dias. Os professores, os coordenadores e o diretor tiraram dúvidas sobre o projeto.

A maneira que cada um compreendeu a proposta explicitada foi gratificante de observar e a interação e dedicação de profissionais que fazem o melhor para uma educação escolar indígena. Importante perceber que os professores sempre reforçam a importância das ações dentro da escola e a vontade de que tenha formações continuadas para melhorarem suas metodologias.

O segundo encontro, em dezembro, foi feito em forma de oficina. A professora coordenadora do projeto começou com uma dinâmica em que trazia vários potes, cada um escrito o nome de uma turma do CEMIX, fez uma contação de história e questionou: como vocês colocariam os estudantes do CEMIX? E os professores responderam que seriam nos potes e explicaram o porquê. As explicações foram voltadas para a educação que se tem nas escolas, que acabam por aprisionar os estudantes dentro da sala, desconsiderando às vezes a cultura e os saberes para dar conta dos conteúdos dos componentes curriculares e passando ‘por cima’ das aprendizagens desses estudantes, de suas vivências fora da escola.

Figura 03 – Foto de atividade desenvolvida com os professores, dezembro de 2023



Fonte: acervo da coordenadora do projeto, 2023

A figura 03 mostra um dos momentos de realização do projeto com os professores, coordenadores e diretor do Cemix, o que foi bastante produtivo, com reflexões sobre a formação docente e a relação com as atividades do projeto desenvolvidas com os estudantes do nono ano do ensino fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio.

A partir da fala dos professores, a professora coordenadora do projeto fez um diálogo deixando os professores se expressarem primeiro, fazendo a escuta sobre as dificuldades, as possibilidades e a sala de aula. Um diálogo muito importante e que fez com que todos

refletissem sobre suas práticas, sobre as dificuldades e as possibilidades dentro de uma escola indígena. Importante o quanto todos ‘abraçaram’ este momento de aprendizagem trazendo suas experiências e trazendo também suas dificuldades.

Para os professores e os coordenadores e o diretor, esse segundo momento também foi para dar o feedback das ações desenvolvidas com os estudantes e discutir esta educação escolar bilíngue, intercultural, diversa e específica e as ações pedagógicas dentro da escola. A fala de um professor nos marcou, quando ele falou que a ação desenvolvida por nós tem feito uma enorme diferença para os estudantes e professores, tem mudado a visão de ambos sobre a leitura, a escrita e alguns alunos começaram a pegar livros na biblioteca da escola para lerem. Outra fala foi dos coordenadores, que afirmaram estarem muito satisfeitos com a ação desenvolvida e que tudo que possa contribuir é importante para escola e esta ação do projeto, movimentou bastante as turmas envolvidas.

Assim, a proposta do projeto não foi apenas trazer ações para os estudantes, mas orientar os professores trazendo reflexões para que a educação escolar indígena se fortaleça.

3.2.2 Oficinas e Minicursos para os estudantes

O projeto que foi desenvolvido no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã, com as turmas do nono ano do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio e, teve a participação de um bolsista, um voluntario e a coordenadora do projeto.

Durante as ações tivemos a intenção também de mostrar as maneiras que os estudantes podem trabalhar a leitura e a produção de texto. Algo que alguns demonstraram que não sabiam e não dominavam da forma que precisava, mas o projeto teve uma devolutiva por parte dos estudantes mostrando que todas as parcerias serão sempre bem vindas, pois a escola precisa de uma visão externa para que possa auxiliar os professores e a equipe da gestão.

Em um determinado momento observamos boquiabertos a fala de um estudante, quando ele diz que escrever em português é mais fácil do que em Akwẽ, e quando perguntei o motivo ele respondeu, que algumas palavras na língua materna não tem tradução. Neste momento, falamos das dificuldades que muitos indígenas também encontram ao ingressar na universidade, pois precisam dominar a língua portuguesa, porém não podem deixar de lado a escrita da língua materna. Falamos da utilização das redes sociais, que podem ser benéficas quando bem utilizadas e se aprenderem a filtrar as informações proveitosas, mas podem ser maléficas se não conseguirem fazer isso. A coordenadora do projeto perguntou à turma sobre a utilização do celular e questionou sobre um assunto muito importante como o Marco

Temporal e somente um estudante do terceiro ano soube dizer a que se referia de forma superficial. Esse foi o exemplo que usou para falar sobre a escolha pelas leituras que serão proveitosas e que irão incentivá-los a ler e escrever melhor.

Então no projeto visamos não apenas ensinar os estudantes a forma correta de ler escrever e produzir um texto, mostramos para eles que aquilo era apenas o início de uma jornada que eles iriam escolher o método que vão escolher. Independente das dificuldades eles sempre encontraram pessoas que estão dispostas a interagir e mostrar para eles a maneira de desenvolver e compreender a sociedade em si.

3.3 Desafios e perspectivas a partir do Projeto para a Educação Escolar Indígena no CEMIX

Os desafios são diários desde saída da aldeia onde moram até a chegada à escola, pois todos os estudantes moram nas aldeias e dependem do transporte público. Os veículos dos transportes que levam os estudantes são desconfortáveis e muitos fazem o trajeto por horas, por residirem mais de 40 km de distância. Com frequência os ônibus quebram e não tem como substituir, por isso às vezes falta o aluno, mas também o professor ou outro servidor, que também depende desse transporte.

Reconheceram as dificuldades na escrita e na leitura e pontuaram que falar e escrever são diferentes. A escrita, segundo eles, exige mais. Da nossa parte, percebemos, para além das dificuldades de ordem estrutural, dificuldades no âmbito pedagógico para desenvolver atividades que privilegiem as duas línguas, como produzir textos. Não é dada a ênfase aos processos de escrita em ambas as línguas.

Os estudantes mudam de código dada a necessidade contextual com quem falam, mas ao mesmo tempo inserem inúmeras palavras da língua portuguesa na língua Akwẽ. Conforme eles sinalizaram, isso se deve ao fato de esquecerem a palavra na língua materna. Enfatizamos o uso de ambas as línguas, trabalhando na língua Akwẽ e na língua portuguesa e uma das produções solicitadas, pedia a escrita de um texto em língua portuguesa e em língua Akwẽ. Em vários momentos durante as oficinas, tivemos que retomar em língua Akwẽ as explicações, visto que há ainda a dificuldade da compreensão em língua portuguesa nestes momentos de fala que não são cotidianos, mas de um ambiente escolar. Nossas oficinas, então, foram todas bilíngues, utilizando ambas as línguas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação mostrou que é possível ter uma educação diferenciada, que possibilite melhoria em inúmeros aspectos, dentre eles, a leitura, a escrita, a compreensão e a interpretação a partir de um olhar diferente sobre os povos indígenas. Entendendo que ações como estas ajudam na vida acadêmica e na vida cotidiana. Mostrou ainda, que é possível à escola, em todos os cenários e componentes curriculares, privilegiarem o uso da língua materna e trabalhar sua escrita, sua compreensão, sua interpretação e isso é essencial para todos os sujeitos dentro de uma sociedade letrada. Apontou que com poucos materiais é possível trabalhar letramento e com qualquer texto (oral, escrito, imagem) é possível discutir leitura e escrita.

As oficinas possibilitaram, para os estudantes, um olhar diferenciado sobre a própria língua materna e o reconhecimento da necessidade de escrever na língua akwẽ e na língua portuguesa, pois são bilíngues.

Neste projeto e durante a escrita do texto deste artigo, foi possível trazer a experiência e convivência em uma escola indígena, junto aos teóricos estudados, para a reflexão sobre a trajetória da educação escolar dos povos indígenas e sobre o quanto ainda precisamos avançar. Quanto ao papel social da Universidade e a inclusão da comunidade externa, com o projeto foi possível perceber o quanto esta parceria tem a contribuir com a educação escolar indígena e com a formação de professores.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Brasília: Mec/Secad; Laced/*Museu* Nacional. 2006. 233p (Coleção educação para todos. Série Vias dos saberes, n. 1). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf Acesso em 08 de março de 2023 às 15:37

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. **R. Educ. Públ.** Cuiabá v.6, n. 62-1, p. 295-310, maio-ago. 2017.

SOUZA. Luciane Silva de. **Relatório final PIBEX**. Miracema: PROEX, 2023. (mimeo)

TOCANTINS. **Plano de Desenvolvimento Institucional** – PDI/UFT. Palmas, 2020.